

# **Microcontos cruéis, surreais, eróticos e outros**

Carlos Seabra

1ª edição

2016

# Sumário

[Sumário](#)

[Prefácio, por José Santos](#)

[Apresentação](#)

[Microcontos cruéis](#)

[Microcontos políticos](#)

[Microcontos surreais](#)

[Microcontos eróticos](#)

[Microcontos do quotidiano](#)

[Literatura mínima](#)

[Entrevista sobre microcontos à revista Minguante](#)

[QR Code e micronarrativas](#)

[Minimalismo segundo vários autores](#)

[O autor](#)

[Permissão de uso](#)



# Prefácio, por José Santos

Carlos Seabra abre as portas do seu laboratório literário e põe na rua um bloco de deliciosos personagens. O vampiro narcisista, o carrasco medroso, o nazista aposentado, o inquisidor piedoso, a formiguinha ninfomaniaca. O monstro Godzilla invade o Vaticano. Dr. Jekyll e Mr. Hyde criam uma dupla caipira. A mulher gorila seduz irmãos siameses e todos vão presos...

Nesta centena de microcontos, vemos um caleidoscópio sempre a girar, mostrando o absurdo e o lirismo da vida. Narrativas mínimas, mas contendo referências de tempo, espaço, personagens, desfecho e clímax, sem ultrapassar a fronteira dos 140 toques. Quem duvida, é só ler e conferir.

**José Santos**  
*São Paulo, 2016*

# Apresentação

Microcontos são pequenas narrativas, que devem caber numa mensagem do Twitter ou num torpedão no celular. Isto é, não podem ultrapassar 140 toques.

Contar uma história em tão pouco espaço deve contar com a cooperação do leitor, que necessita completar, com sua imaginação, os elementos sugestivos construídos pelo autor.

Apresentamos aqui um conjunto destes contos minimalistas, que são uma miscelânea de diversos gêneros: vários são poéticos ou do cotidiano, outros políticos ou eróticos, podem também ser cruéis ou surreais. Alguns de sabor mais ingênuo e brincalhão, e outros só para olhos adultos, beirando a obscenidade.

# Microcontos cruéis

Ajuda ele emprestava a juros. Amor só dava a prazo.  
Rancor era à vista. A gratidão só recebeu fiado.

\* \* \*

As senhoras jogavam baralho com tanto entusiasmo que não perceberam quando o marido de uma delas se jogou pela janela do apartamento.

\* \* \*

A caneta estava sem tinta, mas suas palavras ainda eram tantas! Teve que continuar em vermelho, com o que ainda tinha nas veias.

\* \* \*

Aquele capataz era pau para toda a obra. Mas os operários viviam reclamando de serem enrabados a toda hora.

\* \* \*

Casa de ferreiro, espeto de pau – desculpava-se o carrasco perante sua mulher ao se recusar a esmagar aquela barata na cozinha.

\* \* \*

Ela pediu: larga do meu pé! E, ali pendurada, ficou vendo o corpo dele afastar-se, caindo no despenhadeiro.

\* \* \*

Ela se prostituía sempre na mesma esquina. Naquela noite só um dos seus sapatos estava lá.

\* \* \*

Seu funeral teve tantos discursos que o morto conseguiu ser ainda mais enfadonho do que fora em vida.

\* \* \*

O galo de briga perdeu os dois olhos. Assim, não pôde ver seu dono sorrindo com o dinheiro ganho na luta.

\* \* \*

Otto tinha trabalhado na Gestapo. Agora, já bem velhinho, limitava-se a arrancar devagarinho as pernas das moscas que conseguia capturar.

\* \* \*

O suicida era tão meticuloso que teve que refazer diversas vezes o nó da corda para se enforcar.

\* \* \*

Os moleques jogavam bola no meio da rua. Num passe mais forte, um deles correu para evitar a saída da pelota. Mas não evitou o motorista desatento...

\* \* \*

Maria Rita arrancou os olhos de sua boneca. No lugar colocou os que tirou do irmão.

\* \* \*

Com a quimioterapia, seu cabelo havia caído quase todo. Agora, com a luta vencida, deixou crescer cabelo e barba como um velho hippie.

\* \* \*

Frei Adroaldo trabalha na Santa Inquisição. Arranca unhas com toda a piedade e usa o ferro em brasa com muita devoção.

\* \* \*

Romeu achava que ter um revólver carregado em casa era garantia de defesa. Mas não pôde defender seus filhos quando pegaram a arma para brincar.

# Microcontos políticos

Ele foi para o governo e foi atacado por um tipo de amnésia que o fez esquecer de todos os amigos e compromissos antigos.

\* \* \*

A boneca caída no chão era a única habitante daquela aldeia destruída.

\* \* \*

Na ditadura Solange trabalhava na censura. Até hoje ela fica molhadinha quando vê uma tarja preta.

\* \* \*



Que saudades da clandestinidade! – pensava o velho militante ao ver seus companheiros no poder.

\* \* \*

Ele era inocente, mas só quando subornou o juiz é que foi absolvido no processo por corrupção.

\* \* \*

Era uma democracia? O noticiário da TV mostrava tudo – mas só o que o dono da emissora queria.

\* \* \*

O jornal estampava na manchete como a economia ia bem. Debaixo dele, o mendigo que abrigava dormia, agora despreocupado.

\* \* \*

Era ele quem escrevia todos os dias o editorial. Não acreditava em nada mas, redator competente, dizia o que queria o dono do jornal.

\* \* \*

O velho general, na cama, sonhava com todas as guerras que nunca travara mas para as quais toda a vida se preparara.

\* \* \*

Ele sonhou que era um soldado americano. Ao acordar, o pesadelo era muito pior. Ele era um prisioneiro em Guantánamo.

\* \* \*

Que saudades da ditadura! – lamentava-se o humorista,  
cada vez mais suplantado pela realidade dos fatos.

\* \* \*

Era um ladrão muito respeitado. Só caiu na boca do  
povo quando virou deputado.

\* \* \*

O ministro da economia vivia com prisão de ventre mas  
recusava-se, por princípio, a tomar laxante.

\* \* \*

O diretor do manicômio proibiu os pacientes de verem os  
noticiários da televisão, pois eles já estavam começando  
a acreditar no que era transmitido.

\* \* \*

Quando o Presidente soltou um peido, os que estavam diante dele fingiram que nada ocorrera, mas os que estavam atrás não puderam fazer o mesmo.

\* \* \*

Quando o velho deputado perdeu pela primeira vez uma reeleição, a família agradecida fez uma grande comemoração.

\* \* \*

O soldado era pago para matar. Foi dispensado quando começou a pensar.

\* \* \*

O torturador não conseguia dormir com os gritos e gemidos de suas vítimas, dubladas pelos pernilongos invisíveis que habitavam sua noite.

\* \* \*

O tradutor deixou todos felizes. Mas se soubesse traduzir ambos os idiomas, o mundo teria visto nascer mais uma guerra.

\* \* \*

Era quando ia ao banheiro que o rei, sentado em seu privado trono, gostava de cagar regras para os súditos.

# Microcontos surreais

Perdeu o bigode numa aposta. Mais tarde foram-se o carro, a casa, a mulher e os filhos. Hoje é eunuco e parou de arriscar no jogo.

\* \* \*

Era um assassino serial. Matou a aula e foi ao cinema. Traçou um lanche e matou a fome. Depois, sem mais nada para fazer, ficou matando o tempo.

\* \* \*

Abre a boca e olha o aviãozinho! Ele abriu e comeu tudo, mas alguns passageiros ainda ficaram presos em seus dentes.

\* \* \*

Silas era o peixe mais vagaroso do seu cardume.  
Quando os outros já estavam fritos, ele ainda estava  
sendo pescado.

\* \* \*

O chapeleiro maluco dava pulos de alegria quando  
chegava seu melhor cliente, um verdadeiro bicho de sete  
cabeças.

\* \* \*

Na hora de assinar o contrato com a casa de  
espetáculos, o adestrador de pulgas foi muito reticente,  
recusando-se a colocar os pingos nos is.

\* \* \*

Dom Quixote do asfalto ataca semáforos de vento para resgatar Dulcineia do congestionamento.

\* \* \*

Dr. Jekyll e Mr. Hyde formaram uma dupla caipira. Os espetáculos foram um fracasso, pois quando um subia ao palco ninguém achava o outro.

\* \* \*

O escritor plantou um pé de feijão mágico, que cresceu muito. Quando ia subí-lo para o castelo nas nuvens, foi detido por violar direitos autorais.

\* \* \*

Que injustiça! – pensava o falsário, preso com vários documentos de identidade. Fernando Pessoa também tinha heterônimos e nunca fora em cana!



\* \* \*

O velho dinossauro trabalhava como fósil no museu.  
Achava muito enfadonho não poder se mexer, mas eram  
os ossos do ofício!

\* \* \*

O gato foi ao cinema mas não entendeu um miau pois as  
legendas eram em auau.

\* \* \*

Godzilla invadiu o Vaticano, pisando em tudo e  
abocanhando clérigos em fuga. Seus urros eram ainda  
mais assustadores pois não tinha papas na língua.

\* \* \*

As goteiras aumentavam, em cadência com um Mozart ao fundo. O maldito violinista estava de novo em cima do telhado!

\* \* \*

Grana, l'argent, bufunfa, money, dinheiro... Na hora de discutir seu quinhão, todos se entendiam em Babel.

\* \* \*

As duas lágrimas, gêmeas de olhos diferentes, juntaram-se finalmente no queixo, de onde saltaram para o abismo.

\* \* \*

O lanterninha atrapalhado jogava silhuetas na tela, introduzindo novos personagens no filme.

\* \* \*

O número de loucos é infinito. A demência é universal.  
Eu mesmo não sou muito normal.

\* \* \*

Ele morava no alto da montanha. Depois de tantos anos,  
já não sabia a diferença entre formigas e humanos.

\* \* \*

O vendaval fazia um galho da árvore tamborilar na janela  
do velho telegrafista, trazendo-lhe estranhas mensagens  
em código Morse.

\* \* \*

A mulher-gorila fugiu com os irmãos siameses.  
Denunciados pelo dono do circo, eles foram presos por  
bestialismo e ela por bigamia.

\* \* \*

O náufrago na ilha deserta agora só tinha os olhos no  
céu, onde as nuvens desenhavam tudo o que ele  
precisava.

\* \* \*

No restaurante, brigaram feio na hora de escolher entre  
calabresa e mozzarella. A noite não acabou em pizza.

\* \* \*

O ministro era muito gordo e o coronel magro demais.  
Mas nunca fizeram média pois eram muito radicais.

\* \* \*

Quando o rei da cocada preta descobriu que ficara diabético, virou republicano. Light.

\* \* \*

A princesa beijava todos os sapos, esperando desencantar um príncipe. Mas seu pai, o rei, notório engolidor de sapos, não deixava escapar um!

\* \* \*

Os semícaros eram um povo unialado, cada qual com uma única asa. Para voar, tinham que escolher alguém e se abraçar.

\* \* \*

Era um sócia tão perfeito de si mesmo que nem sua mulher percebia quando cometia adultério com ele.

\* \* \*

Bitá era uma formiga ninfomaniaca. Um dia conheceu Bartolomeu, um tamanduá, que a comeu todinha.

\* \* \*

O casal de viajantes do tempo brigou feio. Separaram-se. Ela foi para antes de ele nascer; ele para depois de ela morrer.

\* \* \*

O maior trauma do vampiro narcisista era não poder se admirar ao espelho.

# Microcontos eróticos

Ao sonhar com o namorado, Débora dormia abraçada com a almofada. Ao acordar, ela estava toda molhada.

\* \* \*

O galo canta ao amanhecer, avisando o amante da mulher do guarda-noturno que é hora de se vestir e correr.

\* \* \*

No túmulo do bigamo, as duas viúvas perguntavam-se quem seria aquela desconhecida que aparecera no enterro.

\* \* \*

Com um binóculo na mão e uma parte de seu corpo na outra, o jovem voyeur esquadrihava metodicamente todas as janelas da vizinhança.

\* \* \*

No campo, um casal de garotos brinca. A menina rasga a blusa no arame farpado. Se olham sabendo que as brincadeiras não serão nunca mais as mesmas.

\* \* \*

Quando o cego tocou pela primeira vez a intimidade de uma mulher, sentiu como se a Pedra de Roseta estivesse em braille, pedindo para ser decifrada.

\* \* \*

Apaixonou-se pela vizinha vendo-a à janela. O dia que tocaram à campainha e a viu pelo olho mágico, não teve coragem de abrir a porta.

\* \* \*

Juquinha era o mais mal-comportado da classe. Ele fazia de tudo para ser castigado, só para ficar mais tempo com a professora.

\* \* \*

O maior fetiche do ceguinho tarado era poder ser voyeur.

\* \* \*



A aluna ninfomaníaca escrevia toda a cola da prova nas coxas e deixava os colegas olharem tudo.

\* \* \*

Ela era tão provocativa que quando foi se confessar quem teve que rezar muitas ave-marias foi o padre.

\* \* \*

Era um cornudo tão orgulhoso e machão que quando um cara não quis comer sua mulher encheu-lhe a cara de porrada.

\* \* \*

Supremo requinte da crueldade, ela lambia os dedos depois de comer chocolate, saboreando o súbito silêncio dos colegas no escritório.

\* \* \*

Seu decote chamava tanto a atenção que, naquela noite, até os olhares que não a fitavam ficaram ruborizados.

\* \* \*

No cadafalso, prestes a ser enforcado, dedicou os últimos instantes de vida a procurar, na multidão, aquela que seria a homenageada com sua última ereção.

\* \* \*

Numa tarde sem vento, de onde vinham tantas ondas naquele lago calmo? Um bote com dois namorados fornecia, mudo, todas as respostas.

\* \* \*

Lolita era tão terrível na arte da sedução que seu ursinho de pelúcia vivia morto de tesão.

\* \* \*

Suas colegas riam nervosas, os meninos engoliam em seco e ela ficava ruborizada. Só seus mamilos, bem duros, permaneciam imperturbáveis.

\* \* \*

Sua memória andava cada vez pior! Quando, finalmente, achou a chave do armário e o abriu, descobriu o esqueleto do amante esquecido.

\* \* \*

Quando a loira da minissaia cruzou as pernas, o taxista não pôde evitar a olhada no retrovisor nem a batida no cruzamento.

\* \* \*

Todo o dia ela assistia a novela. A cada capítulo se apaixonava mais pelo ator. Quando este se casou com a heroína, ela resolveu dar para o vizinho.

\* \* \*

O novo aparelho garantia orgasmos sem fim. Exausta, sem mais forças, ela ainda tentou achar o botão de desligar.

\* \* \*

Arrependida dos pecados que não cometeu, a velha beata rezava para que no paraíso não fosse tudo igual!

\* \* \*

A perua gostava tanto de galinhar que para ela todo o pinto valia a pena.

\* \* \*

A churrascaria não era das melhores. Até as coxas da garçonete pareciam mais suculentas que a picanha.

\* \* \*

Ela usava piercing na língua e ele no genital. Tiveram que ser socorridos após muitas horas presos no sexo oral.

\* \* \*

Ela estava tão preguiçosa que, naquele dia, quando o amante a convidou para sair, preferiu traí-lo com o próprio marido.

\* \* \*

Seu pai fora bicheiro e jamais jogara. Ele era traficante e nunca cheirou. Como foi que justo sua mulher, aquela puta, tinha gozado com o cliente?

\* \* \*

Desde a contratação do novo salva-vidas, aquele rapagão forte, os casos atendimentos de socorro na praia tinham aumentado imensamente.

\* \* \*

Manuela chupava o sorvete muito lentamente. Mas quem se derretia eram os olhares que testemunhavam a cena.

\* \* \*

No clube de casais, o swing rolava solto. A troca nem sempre ocorria, mas a devolução era garantida.

\* \* \*

Alfredo era, há muitos anos, um convicto vegetariano. Mas, ao ver aquelas carnes abundantes e suculentas rebolando, ficou com a boca cheia de água.

\* \* \*

Quando ele descobriu que a namorada tinha um vibrador, ficou indignado, sentindo-se um corno eletrônico.

\* \* \*

Ela tinha ciúmes de como ele abraçava o violoncelo. Ainda, pelo menos, se fosse outra mulher...

\* \* \*

O cavalo comeu a rainha, o bispo foi comido pelo peão.  
Ao ver tamanha depravação, dona Eulália proibiu o neto  
de continuar a jogar xadrez.

# Microcontos do cotidiano

O gato dormia no tapete da sala, aproveitando a calma da casa antes de darem pela falta do peixinho no aquário.

\* \* \*

As árvores passavam céleres pela janela do trem mas seu olhar nada via, parado onde embarcara.

\* \* \*

Foi assaltado na esquina. Ao esvaziar os bolsos, aquela fotografia caiu ao chão. O ladrão ao vê-la caiu em prantos.

\* \* \*

Naquela biblioteca, um único livro jamais havia sido retirado. No dia que aquela criança o pegou, o bibliotecário dormiu seu último sono sorrindo.

\* \* \*

Quando a carpideira ficou viúva não verteu nenhuma lágrima no velório. Afinal, família é família, negócios à parte.

\* \* \*

Dona Izilda tinha muita esperança e orgulho em seus alunos. Quando foi assaltada por dois deles, levaram-lhe muito mais que dinheiro.

\* \* \*

Ela estava calada e seu olhar absorto nada dizia, mas na fumaça do cigarro desenhavam-se os seus



pensamentos. Para que ninguém a decifrasse, parou de fumar.

\* \* \*

Ele adorava funerais. Misturava-se aos presentes e abraçava-os chorando, como nunca pudera fazer com sua família.

\* \* \*

Dona Rosa andou de avião pela primeira vez na vida. Ao ver tantas nuvens lá embaixo, desenhando bichos e castelos, ficou com saudades de sua infância.

\* \* \*

Os dois inimigos reencontraram-se após longos anos. Já bem velhos, não conseguiam mais recordar por que se odiavam.

\* \* \*

O jantar estava pronto e ela serviu-o ainda quente. Seu marido morrera há muitos anos, mas ela ainda colocava seu prato na mesa.

\* \* \*

O velho marinheiro já estava meio surdo, mas ao encostar a concha no ouvido escutou novamente todos os sons daquele naufrágio.

\* \* \*

Foi a Paris e subiu na Torre Eiffel para realizar uma velha fantasia, jogar dali um aviõzinho de papel.

\* \* \*

Era tão vaidosa que, para tirar fotografias, gastava uma hora e meia ao espelho e outro tanto no Photoshop.

\* \* \*

Os vizinhos reclamavam, os cachorros corriam atrás, mas o velho piloto aposentado do oitavo andar continuava a soltar seus aviões de papel.

\* \* \*

Pela última vez, escreveu seu nome na orla da praia e ficou vendo as ondas o apagarem para sempre.

\* \* \*

Seu relógio marcava sempre a mesma hora e ele nunca o acertava. O instante da morte dela era o momento eterno onde ele também deixara de viver.

\* \* \*

O show acabou e desligaram as luzes do palco. Mas ele continuava lá, esperando os aplausos que não vieram.

\* \* \*

Ela faz striptease e ele é michê. Viraram crentes e agora tentam converter seus clientes.

\* \* \*

A cada tijolo que ele colocava, os muros ficavam mais altos. Mal sabia ele que ali seria o presídio para onde mandariam seu filho.

\* \* \*

O gato escondeu-se, o marido conseguiu escapar e os filhos não sofreram muito. Desta vez, sua TPM nem tinha sido das piores.

\* \* \*

Puxada pelo cachorro, a franzina senhora trotava pelas calçadas do bairro, usando suas poucas forças apenas para se desviar dos transeuntes.

\* \* \*

As roupas penduradas no varal ganharam vida durante o vendaval. Pularam para o vizinho. Depois, extenuadas da aventura, descansaram caídas no quintal.

\* \* \*

As formigas, em longa fila indiana, indo de um quintal ao outro, eram a única coisa que unia aqueles dois vizinhos.

# Literatura mínima

O precursor e talvez o mais famoso microconto já produzido, do escritor guatemalteco Augusto Monterroso, “Cuando despertó, el dinosaurio todavía estaba allí” (Quando acordou, o dinossauro ainda estava lá), consolidou uma nova vertente de microliteratura, com o desafio de contar alguma coisa em pouquíssimas palavras de contados toques.

Alguns autores conceituam e estipulam limites precisos, nascendo assim algumas classificações: nanocontos (até 50 letras, sem contar espaços e acentos), microcontos (até 140 toques, ou seja, contando letras, espaços e pontuação) e minicontos (alguns estipulando 300 palavras, outros limite de 600 caracteres). Nada disso é muito rigoroso e depende de critérios editoriais de quem os adotou.

O limite de 150 toques cabe no formato de envio de texto pelo celular, o chamado “torpedo” (ou SMS, *short message service*). Hoje está-se a usar bastante o limite de 140 toques, limite do Twitter – cada vez mais um

grande difusor da microliteratura e que provavelmente acabará impondo este limite como “default”.

Antes de tudo uma divertida brincadeira, os microcontos (nas vertentes de crônicas, contos, aforismos e outras variações) estarão próximos ao minimalismo pós-moderno? Uma coisa é fato, a micronarrativa contém vários ingredientes do nosso tempo, a velocidade e a condensação, a possibilidade de publicação em celulares, painéis eletrônicos, rodapé de e-mails (ou até mesmo em algo mais démodé: tampas de caixas de fósforos). Ao mesmo tempo, há algo neles que remete aos haicais, a tradicional poesia de origem japonesa, com apenas três linhas e um total de 21 sílabas – de certa forma com o mesmo poder de concisão destes porém com a liberdade da prosa.

Alguns escritores de reconhecido talento já brincaram nestas searas, como Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Millôr Fernandes, Dalton Trevisan e tantos outros, ainda que a maioria sem pensar no conceito de “microcontos”. Literatura de alta velocidade? Sônia Bertocchi nos lembra que Drummond já antecipava que “escrever é cortar palavras”, Hemingway sugeriu “corte todo o resto e

fique no essencial” e João Cabral proclamou “enxugar até a morte”. A mesma Sônia, em seu blog “Lousa digital” (outra forma atual de publicar que tantos efeitos ainda vai provocar na produção literária), diz que “Seguindo à risca a lição dos mestres, chegamos aos microcontos: ‘miniaturas literárias’ que cabem em panfletos, filipetas, camisetas, adesivos, postes, muros, tatuagens, cartão postal, hologramas, desenhos animados, arquitetura, instalação, música... e que podem ser lidas no ônibus, no metrô e... nas telas do computador (cá entre nós, um prato cheio para propostas atrativas de ensino de literatura e integração de novas tecnologias)”.

Entre outros inúmeros conselhos acerca de como dizer muito e escrever pouco, podemos destacar também Blaise Pascal “Se escrevi esta carta tão longa, foi por não ter tido tempo para fazê-la mais curta”, Isabel Allende “Usar o substantivo certo para evitar dois ou três adjetivos”, São Gregório de Nazianzo “Ser breve não é, como julgas, escrever poucas sílabas, mas dizer muito com poucas” e Thomas Jefferson “O mais valioso de



todos os talentos é aquele de nunca usar duas palavras quando uma basta”.

De certa forma, o microconto tem uma outra dimensão: ele é como uma ligação muito forte através de um furinho de agulha no universo, algo que permite projetar uma imagem de uma realidade situada em outra dimensão. Como se através desse furo, dois cones se tocassem nas pontas, um cone menor, que é o que está escrito no microconto, outro cone maior, que é a imaginação a partir da leitura de cada um – pois mais do que contar uma história, um microconto sugere diversas, abrindo possibilidades para cada um completar as imagens, o roteiro, as alternativas de desdobramento.

Seja seu destino a publicação em celulares, camisetas, postais, folhetos na praia, cartazes nos postes, azulejos, hologramas, blogs, e-mails, no twitter, o mero esquecimento ou o lixo simplesmente, uma coisa posso afirmar: microconto é um belo exercício de criatividade, síntese e algo muito divertido de escrever!

*Artigo de Carlos Seabra publicado originalmente na revista Língua Portuguesa, edição de abril de 2010.*

# Entrevista sobre microcontos à revista Minguante

*Entrevista concedida à publicação bimestral online **Minguante** – **Revista de Micronarrativas**, e publicada em sua edição nº7 (agosto de 2007). Esta publicação eletrônica foi criada e dirigida por Luís Ene, um conhecido autor de microcontos, pioneiro deste gênero em Portugal e em língua portuguesa, juntamente com Margarida Delgado e Fernando Gomes. Lançada em 2006, a revista existiu até 2009.*

Carlos Seabra, quer pelas quantidade e qualidade dos seus pequenos textos quer pelo uso preferencial dos novos meios para a sua divulgação, pode facilmente ser considerado como um mestre de uma novíssima arte, e foi assim pensando que decidimos entrevistá-lo. As suas respostas só não excederam as nossas expectativas porque estas eram já muito elevadas.

**Minguante:** *De onde vem o seu interesse por um formato breve, quer sejam haicais quer sejam micronarrativas, que tem desenvolvido de igual modo?*

**Carlos Seabra:** Acho que em tempos de comunicação eletrônica, seja na internet ou cartazes na rua,

mensagens de texto em celulares ou camisetas, há todo um conjunto de formas de comunicação atuais que permitem e pedem que a microliteratura as utilize.

Para mim, essa entrada na micronarrativa deu-se através da micropoesia, que é o haicai. Para mim isso traz um prazer lúdico muito grande, conseguir criar algo com limites tão minimalistas.

***Minguante:*** *Sei que em tempos tentou criar um serviço de microtextos para serviço de celular. Poderia falar sobre isso, quer no que se refere à história dessa tentativa, quer aos propósitos por detrás dela?*

**Carlos Seabra:** Na verdade, tratou-se de uma iniciativa que não foi minha mas sim do Luiz Mendonça, que criou um serviço chamado Celuler. Tinha trovas, quadras, aforismas, haicais, de diversos autores contratados (como Alice Ruiz, Paulo Franchetti, Eliana Mora, Ricardo Silvestrin e outros). As pessoas compravam um “celulivro” – composto por 45 mensagens – e ofereciam a alguém por ocasião festiva ou não, ou mesmo para desfrute próprio, e durante quarenta e cinco dias era enviado um SMS.

Ao conversar com o Luiz Mendonça, que contratou meus haicais, disse-lhe que não teria produção tão grande nem como escrevê-los por encomenda, mas que adoraria escrever microcontos e sentia que poderia fazê-lo em larga escala. Dito e feito, passei a escrever

microcontos durante os voos para reuniões em outras cidades, nos congestionamentos na cidade e até mesmo no banheiro ou em momentos de insônia... e em dois meses tinha escrito mais de trezentos microcontos, procurando fazer uns cômicos, outros eróticos, outros meio surreais, outros maldosos ou cruéis, sempre pensando em um produto que não cansasse os leitores que os receberia diariamente no celular.

Infelizmente, a iniciativa foi inviabilizada financeiramente pela operadora de telefonia móvel que na ocasião detinha a maior parte do mercado brasileiro, o que fez o projeto ser abortado, os leitores ressarcidos do que haviam pago, e os contratos com os autores desfeitos, com enormes prejuízos empresariais para este precursor – ao qual agradeço me ter dado o empurrão em direção à criação de microcontos.

***Minguante:*** *Tem publicado em livro mas também tem usado o formato digital. Pode falar-nos de como encara um e outro meio no seu percurso?*

**Carlos Seabra:** Publiquei o livro pelo Massao Ohno, o maior editor de haicais no Brasil e que teve uma importância fundamental na escolha de quais publicar, bem como no incentivo a que o fizesse. Mas se os livros já pouco vendem no Brasil (infelizmente, uma das maiores mazelas desta grande nação!), pelos de poesia então poucos editores se interessam, distribuidores e livreiros menos ainda. Tirando pouquíssimos lugares que

têm meu livro à venda (*Haicais e Que Tais*), vendi a maioria no dia do lançamento e boa parte acaba indo como cortesia a amigos e conhecidos que volta e meia me pedem.

Assim, colocar o que escrevo na web é a melhor forma de ser lido. Aliás, tudo o que escrevi até hoje tem geralmente sido primeiramente publicado na web e somente depois ganha eventuais suportes de papel. No entanto, nunca escrevi um haicai ou um microconto no computador, sempre o faço em pequenos cadernos de bolso ou guardanapos de papel, com lapiseira preferencialmente, mas com caneta se estiver mais à mão. Acho que a publicação digital não canibaliza a publicação em papel, ao contrário, pode até ajudar a promover sua divulgação e venda (desde que haja distribuição, obviamente).

***Minguante:*** *Será a micronarrativa um novo género, que para além do mais ganhe ainda mais sentido com a utilização dos meios electrónicos?*

**Carlos Seabra:** Não quero afirmar algo tão peremptoriamente, pois que para que possamos definir a micronarrativa como um género há que ter um pouco mais de produção, de distanciamento histórico, críticos engajados em analisar esta produção. É muito fácil escrever pequeníssimos textos e grandíssimas porcarias. Não digo isto para depreciar a maioria da produção de microcontos (ou nanocontos, ou minicontos,

ou haicais), que julgo muito sofríveis, mas também com a visão que é uma excelente porta de entrada para as pessoas se soltarem e começarem a escrever. Inclusive uma interessantíssima possibilidade de trabalhar a criação literária na escola, espaço tão tradicionalmente usado para fazer os alunos odiarem a literatura e terem medo do nosso idioma.

Como você aponta, o uso maciço dos meios eletrônicos faz com que os microtextos ganhem todo o sentido e sejam importantes conteúdos para popular áreas desertificadas de conteúdos culturais das novas tecnologias de informação e comunicação, como os celulares e tantos outros microespaços. No momento, inclusive, eu estou a preparar uma intervenção com haicais e microcontos na Internet 3D, na forma de uma galeria de microtextos dentro do Second Life – aliás, um belíssimo ambiente para este gênero.

***Minguante:*** *Diverte-se a escrever, disso ninguém duvidará, mas será para si a escrita de microtextos puro divertimento?*

**Carlos Seabra:** Está bem próximo do puro divertimento, sim. E isso não é um conceito desqualificante, pois na sociedade pós-industrial, o ócio e o lúdico resgatam seu conceito mais profundo, existencialmente falando. Não se trata apenas de um novo epicurismo, mas cada vez mais o lazer, o ócio qualificado, o esporte, a diversão enfim, são até mesmo pujantes produtos econômicos.

Finalmente, a cigarra vende seu cantar para as formigas cansadas de só trabalharem.

É nesse sentido que eu encaro o puro divertimento da escrita de microtextos, do qual faz parte um desafio interno para mim mesmo, e me solta para eventualmente vir a produzir textos literários maiores que micronarrativas. Como disse acima, a produção de microconto someçou com um viés econômico, tratava-se de um serviço, de um produto, com resultados a serem palpáveis financeiramente (o que não deixa de ser um outro tipo de divertimento).

***Minguante:*** *Depois de cortar e enxugar o texto o que fica é o essencial? Como trabalha os seus textos e o que procura alcançar?*

**Carlos Seabra:** Confesso que não gosto muito de cortar. Quando me pedem textos com, por exemplo, quatro mil toques, acabo escrevendo seis ou sete mil e depois gasto a maior parte do tempo a tentar enxugar o texto até ficar perto da demanda. Com os haicais isso não existe, pois eles já nascem dentro de um padrão bem definido de três versos de cinco, sete e cinco sílabas. No caso dos microcontos, procuro ao máximo já os escrever no tamanho adequado e raríssimamente tive que podar alguma coisa.

Como adotei inicialmente o formato de 150 caracteres (hoje, depois do Twitter, adotei os 140 toques), contando



espaços e pontuação, acho que as ideias já nascem quase do tamanho certo. O haicai me deu a experiência de trabalhar estruturalmente com os limites. Sempre procuro ter uma frase que introduza a cena, que construa ou sugira a situação, e outra frase pra terminar, de preferência levando alguma surpresa ao leitor. Claro que nem sempre sigo essa fórmula. Algumas ideias de haicais que não deram certo viraram depois microcontos. Alguns fiz por referência pessoal (morte de um amigo, vivência de uma situação, mero devaneio interno) e podem ter outras leituras. Alguns homenageiam lembranças literárias (escrevi um pensando no Mário-Henrique Leiria, que me contava muitas histórias malucas quando eu era criança), outros são evoluções do próprio texto que nem eu quase tive intenção mas foram se formando.

Procuro alcançar a diversidade, como estrutura lúdica subjacente. Depois de escrever um ou dois mais sensuais ou eróticos, é bom escrever um bem cruel e malvado, depois uns dois meio de crônica do cotidiano, e então meter uma crítica de natureza política ou social, para então produzir algo bem absurdo, surreal. Pensei isso para dar texturas diferentes para o leitor, mas também me impedem de cansar ou cair na mesmice.

***Minguante:*** *Sei que aprecia especialmente o sorteio para apresentação dos microcontos. Por alguma razão especial?*

**Carlos Seabra:** Acho uma forma muito interessante de leitura. Apresentação de pequenos conteúdos de modo aleatório faz sucesso desde que existe o I-Ching e achei que seria um interessante formato. Fiz um site de sorteio de haicais (Caixa de Hai-Kai) no qual várias centenas de haicais de algumas dezenas de autores são apresentadas na tela, sorteando até mesmo a cor das letras, sempre em fundo preto. Aliás, foi a feitura desse website que me levou a escrever haicais, pois no começo eu estava era a estudar uma linguagem de programação (PERL) e precisava sortear coisas. Achei que haicais se adequariam e peguei vários em livros que tinha na minha estante, outros busquei na internet, e de repente achei que poderia até escrever um ou outro e colocar no meio.

O sorteio desconstrói caminhos e pode levar à experimentação e fruição de conteúdos que doutra forma não seriam conhecidos (a tendência de ler-se alguns autores apreciados pode levar a não conhecer o único microconto bom de um escritor que você sempre pule). Isso vale para poesia, micronarrativas, versículos da Bíblia, frases famosas, fotografias...

**Minguante:** *A minificcção, diz-se, desenvolve-se no limite dos géneros. Os seus haicais não são, de alguma forma, tão minificcção quanto os seus designados microcontos?*

**Carlos Seabra:** Encaro o haicai como algo diferente da ficção, ele tem que ser poético, tem que produzir uma imagem cinematográfica dentro de nossa cabeça, tem que ter algo que não está em nós mas sim na natureza. Claro que eu brinco além disso em meus haicais, por isso inclusive chamei de “que tais” os que não são puramente haicais, mas sim que usam seu formato e algo de seu espírito para pularem o limite do gênero.

Mas você tem razão quanto a boa parte deles (tanto haicais quanto microcontos), que não fosse o fato de estarem num formato (três versos no caso dos haicais) bem que poderiam assumir a outra forma. Meu haicai “no despenhadeiro / a sombra da pedra / cai primeiro” poderia muito bem ter virado um nanoconto... Aliás, muita gente trata indiferenciadamente como microcontos tudo o que é pequeno, mas eu gosto de conceituar como nanocontos os que trabalham com o limite de 50 letras, microcontos os que usam o limite de 150 caracteres (com o Twitter esse limite passou para os famosos 130 toques), e minicontos os que consideram até 300 palavras ou ainda 600 caracteres.

**Minguante:** *Você conhece bem a língua portuguesa que se fala em Portugal e no Brasil pela sua condição, julgo que de dupla nacionalidade. Se quisesse falar um pouco sobre isso eu agradecia.*

**Carlos Seabra:** Sim, nasci em Lisboa e moro em São Paulo. Vim para o Brasil com 6 anos e voltei para

Portugal com 10. Desde os 14 moro no Brasil, mas sempre tive um pé em cada lado do oceano. Mais da metade dos livros que lia na minha adolescência eram portugueses (desde toda a Argonauta de ficção científica, os policiais da Vampiro, até nossos escritores, Eça de Queirós, Virgílio Ferreira, Manuel da Fonseca, Júlio Diniz etc.) e sempre tive muita facilidade em transitar entre ambas as formas de grafia, tendo inclusive, já adulto, trabalhado na área editorial a copidescar (rever e adaptar) edições da Editora Abril, quadrinhos e novelas, para Portugal.

Escrevo meus haicais e microcontos com a língua que cá se fala (no Brasil) pois seria muito estranho não o fazer, e aprecio muito as diferenças do idioma tanto em Portugal e no Brasil, como os enriquecimentos africanos e todos os demais que fizeram e fazem deste nosso idioma o que permitiu Fernando Pessoa dizer que “minha pátria é minha língua”.

***Minguante:*** *Ainda que saibamos que daria “pano para mangas” não resistimos a pedir-lhe que fale um pouco do escritor Mário-Henrique Leiria, primo do seu pai, e que você conheceu pessoalmente.*

**Carlos Seabra:** O Mário-Henrique Leiria era primo do meu pai (também Mário, e ambos se chamavam de “primários”). Desde que eu era miúdo, o Leiria era presença habitual em casa. Formava-se uma roda de amigos que ficavam a falar de artes e a tocar música

brasileira. Até hoje tenho muito vivos esses momentos, de me emocionar, ainda criança de uns 5 anos de idade, ele acabado de casar com uma alemã que não me lembro o nome, algo como Fipsy, de quem ele se separou pouco depois. Achava muito engraçado o fato de ele barbear não só a cara mas a cabeça toda também, que o deixava com um ar de tartaruga sem casca. Isto lá por 1960. Meu pai tinha sido também o padrinho de casamento dele, e o Leiria era padrinho do meu irmão Eduardo.

Quando meus pais vieram para o Brasil, um par de anos depois veio o Leiria e ficou a morar lá em casa, num quarto nas traseiras sobre a garagem. Ele já tinha graves problemas de reumatismo e subia com dificuldades as escadas, com a ajuda de uma bengala e soltando cabeludos palavrões a cada degrau. O papagaio do vizinho aprendeu todos eles e retribuía-os, fazendo o Leiria passar a xingá-lo também, e eu e meus irmãos nos avisávamos e íamos todos a correr para assistir o espetáculo. Nessa época, lá pelos anos 1963/64, ele comprou-me um avião de montar, que exigia lixar as delicadas e inúmeras peças, colá-las, pintá-las, tudo seguindo uma detalhada e complicada planta e instruções. Claro que depois de muitos meses o avião mal tinha a estrutura do corpo, pois aquilo era só um pretexto para ele me contar suas aventuras na Guerra Civil Espanhola (muitos anos depois me dei conta, ao calcular datas, que tudo não passou de divertidas

histórias, bem das dele, sempre numa fímbria entre o crível e o incrível).

Voltei para Portugal, onde residi e estudei uns 5 anos, participei de aventuras e descobertas arqueológicas com o Gustavo Marques, e das expedições etnológicas do Michel Giacometti, além de inúmeros outros intelectuais e gente engajada, escritores, músicos, pintores. Em 1969 cá estava eu de volta ao Brasil. Logo na primeira semana fui visitar o Leiria, que estava a trabalhar na Editora Samambaia.

Na Avenida Brigadeiro Luís Antônio, já perto do centro de São Paulo, ao chegar lá vejo sair uma *troupe* de quatro ou cinco pessoas, com o Leiria à frente a imitar um helicóptero (mão na cabeça a girar as pás, boca a fazer o barulho das hélices), seguido de uma moça vestida de revolucionária russa, um exilado argentino logo a seguir a fazer nem sei mais o quê, seguidos pelo dono da editora, o Gil Clemente (com que mais tarde vim a trabalhar intensamente durante muitos anos), que só fazia olhar tudo com um ar aparentemente sério, fumando cigarros um atrás do outro. Eles estavam indo tomar um café numa pausa do trabalho. A editora publicava uma cômica revista de terror com o Zé do Caixão, editava antologias de erotismo (que belos e onânicos orgasmos me propiciaram), que entravam em choque direto com a cada vez mais feroz censura da ditadura militar (que, comparada ao plúmbeo ambiente do salazarismo e da PIDE, para mim era uma terra ainda

assim de imensa liberdade), uma enciclopédia histórica (para a qual naquele dia eles produziram umas fotos que faltavam, de revolucionários bolcheviques para um verbete relacionado, embora uns 95% da obra fossem reais, mas eles gostavam de fazer).

Uma obra em especial me encantava (eu ia lá passar algumas horas, fascinado com o que era uma editora, e realmente acho que isso foi uma escola, pois com todo o clima surreal que de vez em quando até afetava o conteúdo, era uma editora mesmo; e talvez tenha feito com que alguns anos depois eu tivesse entrado nessa área profissionalmente), era um conjunto em três volumes, se não me engano, da Helena Sangirardi, uma famosa autora de livros culinários na época. Como ela demorava pra entregar algumas receitas que faltavam pra completar o número de páginas do volume que estava a ser finalizado, o Leiria resolveu ele mesmo produzir umas duas ou três receitas! Uma delas era o “Risoto à Mao-Tsé-Tung”, inocente receita onde ele só inventou o título. Outra descrevia um prato simples que consistia em abrir uma lata de sardinhas, uma lata de ervilhas e colocar uma folha de alface e “pronto, aqui está seu delicioso prato, minha amiga!”.

Se não me engano, foi em 1970 que ele voltou para Portugal, já todo “fodido das pernas” como ele dizia. Mas antes disso fui ainda visitá-lo no Hospital Samaritano, onde ele se recuperava de ter implantado uns metais a substituir parte dos ossos e tinha terríveis dores, que o

suprimento de drogas que lhe davam não conseguia aplacar. Mas talvez eu nunca tenha rido tanto na vida, eu rebojava no chão do quarto do hospital, agarrado à minha barriga, que me doía de tanto gargalhar. A cada ataque de dor mais intenso ele usava seu repertório de palavrões, sempre vindo aos conjuntos concatenados deles, como a boa tradição lusitana manda, acrescidos de retoques que eram só dele – tudo isso acompanhado por comentários de humor surrealista e caras com olhos esbugalhados que não permitiam saber se ele estava a sofrer muito ou a se divertir à balda (com certeza os dois). Ele descrevia em detalhes a “guerra dos do segundo andar contra os do primeiro”, todos com almofadas a servirem de armas, no meio da noite. Ou picantes aventuras sexuais com as enfermeiras, onde me parecia que todas tinham enormes peitos mesclados com rígida disciplina germânica.

Foi depois disso que eu vim a ler seus Contos do Gin-Tonic, que ele editou já em Portugal e alguém me mandou. Nunca mais tive contato com ele, mas minha mãe, que estava a morar em Portugal, volta e meia contava notícias dele, que morava com a mãe e a tia, duas velhotas muito velhas mesmo, e que estava a cada dia mais “revolucionário”.

**Observação:** Para quem nunca ouviu falar, Mário-Henrique Leiria (1923-1980) foi um escritor português, expoente do movimento



surrealista em Portugal e autor de um livro de pequeníssimos contos, bestseller da literatura iconoclasta portuguesa, Os Contos do Gin-Tonic (1973).

# QR Code e micronarrativas

Os códigos QR (do inglês *Quick Response*) são lidos facilmente através de qualquer dispositivo móvel. Boa parte dos *smartphones* já traz embutido o reconhecimento automático, porém existem muitas alternativas de apps para instalar.

A seguir, alguns *QR Codes* contendo microcontos, para mostrar como se trata de um recurso que pode gerar cartazes em postes de rua, camisetas, canecas, ser projetado, colocado em anúncios de ônibus ou metrô etc.



Assassino



Dinossauro



Bruxas



Família



Revólver



Miau



Heterônimos



Enforcado



Crueldade



Briga



Xadrez



Sorvete

No caso você não tenha nenhum aplicativo em seu celular ou tablet para leitura destes códigos, sugerimos que entre no endereço <http://i-nigma.mobi> a partir do browser de seu dispositivo e baixe a versão indicada, pois eles reconhecem imediatamente sua plataforma.

# Minimalismo segundo vários autores

Reuni aqui uma série de frases de vários autores que dizem muito sobre a escrita sintética e podem ser valiosas reflexões para quem deseja se aventurar neste mundo da micronarrativa.

**Carlos Drummond de Andrade:** "Escrever é cortar palavras".

**São Gregório de Nazianzo:** "Ser breve não é, como julgas, escrever poucas sílabas, mas dizer muito com poucas".

**Luis Britto García:** "O microconto nasce do namoro entre um narrador ativo e um leitor interativo".

**João Cabral:** "Enxugar até a morte".

**Ernest Hemingway:** "Corte todo o resto e fique no essencial".

**José Santos:** "O microconto deixa lacunas que o leitor precisa completar. O desfecho é na cabeça do leitor".

**Thomas Jefferson:** "O mais valioso de todos os talentos é aquele de nunca usar duas palavras quando uma basta".

**Isabel Allende:** "Usar o substantivo certo para evitar dois ou três adjetivos".

**Blaise Pascal:** "Se escrevi esta carta tão longa, foi por não ter tido tempo para fazê-la mais curta".

**Winston Churchill:** "Das palavras, as mais simples. Das simples, a menor".

**Luis Britto García:** "A religião se purifica no provérbio, o ensaio no aforismo, a poesia no haicai, a rebelião no grafite, a plástica no minimalismo, o amor no galanteio, a experiência na máxima, a morte nas últimas palavras, a ficção no microconto".

**Jarbas Novelino Barato:** "O microconto é um item da cultura blogueira, uma história contada ou sugerida com economia de palavras".

**José Saramago:** "Os tais 140 caracteres reflectem algo que já conhecíamos: a tendência para o monossílabo como forma de comunicação. De degrau em degrau, vamos descendo até o grunhido".

**Manoel Guaranha:** "Nos microcontos, a pequena extensão não deixa todos os elementos serem explicitados, apenas sugeridos ao leitor, como se este fosse convocado a ser coautor da narrativa, a projetar

um horizonte de expectativas que não será mais suprido pelo texto, mas permanecerá aberto".

**Marcelo Spalding:** "O miniconto pode ser encarado como uma 'narrativa nuclear' de poder e efeito semelhantes aos da 'bomba atômica': tudo está condensado em seu núcleo e é dali que deve partir a história, projetada, explodida no ato da leitura".

**Henry Bugalho:** "O microconto é a hipérbole do conto; não pode haver uma vírgula, um artigo, um pronome, um adjetivo em excesso. Uma linha ou duas desnecessárias é uma atrocidade imperdoável, e até mais do que isto, um microconto que não atinja o coração ou a mente do leitor, reverberando por horas ou dias, não deveria ter sido escrito, não tem razão para existir."

**Carlos Seabra:** "O microconto é um furinho de agulha no universo, permitindo projetar a imagem de uma realidade em outra dimensão. Como se, através desse furo, dois cones se tocassem nas pontas, um cone menor, que é o que está escrito no microconto, outro cone maior, que é a imaginação a partir da leitura de cada um".

**Fabício Carpinejar:** "140 caracteres são o suficiente para sangrar".



# O autor

**Carlos Seabra** é editor multimídia, criador de jogos, especialista em tecnologia educacional e projetos envolvendo redes sociais, dispositivos móveis, e editoração e produção de conteúdos digitais.

Trabalha com desenvolvimento de sites na Internet e material educacional e cultural, livros digitais, audiovisuais, além da criação de jogos digitais e de tabuleiro. Atuou em diversas editoras, como FTD Educação, Melhoramentos, Abril Cultural, na Escola do Futuro da USP e na TV Cultura.

Participou de vários cineclubes e associações culturais e de solidariedade, tendo sido presidente da Federação Paulista de Cineclubes, vice-presidente da UBE - União Brasileira de Escritores e diretor de projetos do IPSO - Instituto de Pesquisas e Projetos Sociais e Tecnológicos.

É autor de livros e sites de poesia (haicais) e literatura (microcontos), além de materiais didáticos.

Nasceu em Lisboa, Portugal, em 1955, e vive no Brasil, São Paulo, desde 1969.

# Permissão de uso

A eventual publicação destes microcontos em blogs e sites, uso em podcasts e mesmo publicação em livros, jornais ou revistas, é facultada com as seguintes permissões:

- sem finalidades comerciais: até 3 microcontos somente com citação do autor, até 10 microcontos colocar junto a fonte, seja o livro impresso ou digital;
- com fins comerciais: apenas 3 microcontos no máximo, com citação do autor e fonte;
- outros casos, mediante autorização.

**Carlos Seabra**

carlos@seabra.com

Edição e produção: **Oficina Digital**

Publicação: **Clube de Autores**

*Agradecimentos:*

Adina Chamamah Djemal

Ana Mello

Dulce Seabra

Edson Rossatto

Eugénia Tabosa

Genima Pina

Jarbas Novelino Barato

Jeanette Roszas

José Santos

Leila Miccolis

Levi Bucalem Ferrari

Luís Ene

Luiz Mendonça

Mário Pina Seabra

Manoel Guaranha

Marcelo Spalding

Roseli Silva

Samir Mesquita

Sandra Santos

Tiago Moralles

Urhacy Faustino

Wilson Gorj

Zezé Pina